



O PROJETO DE PESQUISA: NECESSÁRIO OU APENAS OBRIGATÓRIO?

RESEARCH PROJECT: ONLY NECESSARY OR MANDATORY?

Por:

Elcie Helena C. Rodrigues, Danielle Fernandes Ribeiro, Elaine Cristina dos S. Ferreira, Hélia Ferreira Dutra, Michele Caroline da Silva e Samuel Pereira da Silva.

E-Revista Facitec, v.2 n.1, Art.3, julho. 2008.

http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistafacitec@facitec.br.

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site

www.facitec.br/erevista.



O PROJETO DE PESQUISA: NECESSÁRIO OU APENAS OBRIGATÓRIO?

RESEARCH PROJECT: ONLY NECESSARY OR MANDATORY?

Resumo

Este artigo aborda o projeto no contexto da pesquisa científica, apresentando conceitos e orientações necessárias para sua correta elaboração, partindo da pergunta inicial: "o que é projeto de pesquisa?". Ao longo do trabalho, porém, foram tratadas algumas questões geradoras, discutindo, principalmente, as funções sociais da pesquisa e o papel do pesquisador. A discussão buscou contribuir na reafirmação sobre a relevância do projeto no processo da investigação científica como norteador dos procedimentos da pesquisa. Pode-se afirmar, sem equívocos, que um projeto de pesquisa é necessário. Um projeto é mapa fundamental de uma investigação. A idéia fundamental disso é que, ao se elaborar corretamente um projeto, as chances de sucesso no processo de investigação científica se ampliam e toda a comunidade ganha. Ganha a Ciência que avança com os resultados da pesquisa. Ganha o pesquisador que, além de amadurecer, deixa sua marca indelével na sociedade.

Palavras-chave: projeto de pesquisa, planejamento, plano de trabalho e metodologia.

Abstract

This article discusses the project in the context of scientific research, presenting concepts and guidelines for their proper development from the original question "what is the research project". Throughout the work, was discussed the role of social research and the role of researcher. The discussion aims to contribute to the reaffirmation of the relevance of the project in the process of scientific research, as the procedures guiding the search. One can say without equivocation that a research project is necessary. A project is a map of key research. The basic idea is when properly prepare a project, chances of success in the process of scientific research and expand if the whole community wins. Earn the science that advances with the search results. Earn the researcher, who in addition to mature, leaving their mark for the society.

Keywords: research project, planning, work plan and methodology.



INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma discussão de grupo para dar conta de um requisito final da disciplina “Metodologia da Pesquisa Científica”, do curso de Pós-Graduação em Geografia, Meio Ambiente e Turismo, da Universidade Estadual de Goiás – UEG. O grupo deveria preparar um seminário intitulado “O que é projeto de pesquisa”. Em vez de simplesmente funcionar como mero cumprimento de uma formalidade acadêmica, o grupo sentiu-se instigado a propor algumas questões que se mostraram fator de inquietação para cada um em algum aspecto.

Após a etapa de levantamento bibliográfico, constatou-se uma certa carência de subsídios e uma tendência para a abordagem reducionista de apresentar apenas roteiros e dicas para elaboração do projeto.

Nesse contexto, o que se enseja com este trabalho, mesmo em suas singelas possibilidades, é contribuir no debate sobre a relevância do projeto no processo da investigação científica, apresentando seu real valor como norteador dos procedimentos metodológicos. Outra contribuição possível é estabelecer algumas diferenças e semelhanças presentes na terminologia do processo da pesquisa, buscando, em certa medida, apresentar os conceitos que embasam estes procedimentos metodológicos. Afinal, nisso consiste o próprio fazer científico.

Dessa forma, o artigo inicia-se com a contextualização do projeto dentro da pesquisa. Posteriormente, apresenta algumas bases conceituais e indica, de forma simples e clara, as orientações necessárias para a elaboração de um projeto de pesquisa. Algumas questões de aprofundamento discutem as finalidades sociais da pesquisa e a posição de quem investiga.

Assim, a opção pela elaboração de um artigo assenta-se justamente no desafio de contribuir no debate acadêmico, tomando



como ponto de partida que “a pesquisa nasce de alguma indignação ou de alguma indagação”, como é propalado nas disciplinas de Metodologia de Pesquisa. Esta é a idéia motriz.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de falar especificamente sobre o Projeto de Pesquisa, torna-se relevante tecer alguns comentários sobre a pesquisa propriamente dita. Segundo Ander-Egg (apud Lakatos, 2001, p.155), pesquisa “é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Assim, o resultado desta busca reflexiva é conhecer verdades parciais.

Sobre pesquisa, Gil (2002) também fala em “procedimento racional e sistemático”, e para ser realizada são imprescindíveis métodos e caminhos técnicos, dentre os chamados procedimentos científicos. Pode-se dizer que neste alicerce funda-se o edifício da Ciência, na qual a construção dos conhecimentos é forjada com rigor, cuidado e parâmetros que oferecem segurança e legitimidade às informações descobertas.

O escopo deste processo centra-se, primordialmente, na sistematização dos procedimentos, revestida de um tratamento metodológico comumente denominado científico. O ato de pesquisar presume um cuidadoso processo de planejamento. Neste contexto, para efetivar este planejamento é necessário que se estabeleça, como etapa inicial, a elaboração do “Projeto de Pesquisa”.

Desse modo, cabe dizer que planejar é antecipar o futuro. O projeto funciona como um instrumento de planejamento. Coloca-se como uma ferramenta que delinea procedimentos e ações que se desenrolarão no decorrer da pesquisa.

Desta forma, “o planejamento da pesquisa concretiza-se mediante a elaboração de um projeto, que é o documento explicitador das ações a serem desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa” (GIL, 2002,



p.19). O projeto atuará como guia para o trabalho para todos os envolvidos: pesquisador, equipe, orientador e analistas.

Apesar de parecerem simples e claros, os termos plano, planejamento, pesquisa e projeto acabam por provocar uma confusão de significados. É recorrente se tomar a parte pelo todo, ou seja, o projeto pela pesquisa. Algumas vezes, confunde-se projeto com plano de trabalho. Este último é mais um roteiro inicial provisório, indicando as idéias principais que deverão ser tratadas. Em outros casos, impõe um grau de desafio ao pesquisador: transformar os resultados da pesquisa retratados em forma de relatório escrito sem, contudo, que este traga consigo uma linguagem de projeto, herança da fase inicial da pesquisa. Dito de outra forma, uma dissertação (ou tese) não deve se parecer com um projeto. Sua composição e redação têm outro formato e estrutura lógica específica. Em verdade, o plano inicia o trabalho que requer planejamento e projeto para, ao final, ser concluído com a dissertação ou tese.

Neste contexto, a presente reflexão propõe discutir a importância do projeto, não apenas como uma etapa obrigatória ou um mero ritual da pesquisa. A questão abordará, principalmente, sua função social com as diferenças e convergências dentro do contexto da investigação.

TECENDO CONCEITOS

A bibliografia, em sua grande parte, trata o projeto superficialmente, enfocando-o diretamente segundo as questões propriamente de método e procedimentos. Pouco se aprofunda, quase o dissociando como parte importante do "fazer" da pesquisa. Talvez isso ocorra por se pensar que esteja subentendido na atuação do pesquisador o domínio das técnicas como um *a priori* e que não há muito espaço para divergências. Parece que o projeto não passa de uma formalidade burocrática do cotidiano do pesquisador e, portanto, de menor relevância.



Aliás, este sentimento parece correr mundo apresentando um cenário mais comum do que se desejaria acreditar. Fato semelhante pode-se depreender nas reflexões de Eco (2000) sobre a obrigatoriedade da elaboração de uma tese para a conclusão de curso superior nas universidades italianas. Em princípio, esta obrigatoriedade não seria problema. Entretanto, toma-se complexa, quando contraposta a uma realidade perversa do que ele mesmo chama de “universidade de massas”, composta por estudantes que não detêm as condições desejáveis para a tarefa. Dos milhares de estudantes que ingressam, poucos serão bem tutorados e orientados para estes ritos acadêmicos, não se esquecendo, é claro, da origem heterogênea de sua formação e classe social.

O autor, em sua importante obra, “Como se faz uma tese”, preocupa-se em definir claramente o perfil de leitor para qual se destinam suas idéias. Quase faz uma demonstração de coragem, quando afirma que um dos objetivos da obra é mostrar que “pode-se preparar uma tese ‘digna’ mesmo que se esteja em situação difícil” (ECO, 2000, p. XIV). Mais além, continua dizendo que, apesar de ser uma formalidade imposta para a conclusão dos estudos de terceiro grau, pode ser que este processo resgate o sentido do próprio curso, desenvolvendo um exercício crítico de identificar problemas e saber expô-los por meio de técnicas específicas de comunicação.

Nesse sentido, é possível estender estes questionamentos à etapa de elaboração do projeto de pesquisa. O que se propõe é identificar com clareza o papel do projeto em todo o contexto da pesquisa para, então, poder dar-lhe o seu devido valor.

Remontando às funções de um projeto dentro de uma pesquisa, fica mais fácil extrair sua relevância. O projeto é responsável por mapear um caminho a ser seguido durante a investigação. Dessa forma, esclarecer para o próprio investigador os rumos do estudo. Ora, sabendo onde se quer chegar e como fará isto, para lograr sucesso, certamente o pesquisador não se perderá no trajeto (DESLANDES, 1994).



Numa outra perspectiva, Deslandes (1994) lembra que, ao se elaborar um projeto científico, estará sendo trabalhado, simultaneamente, em três dimensões interligadas: técnica, ideológica e científica. A primeira trata das regras reconhecidas como científicas para construção de um projeto, ou seja, como definir um objetivo, como abordá-lo e como escolher os instrumentos mais adequados para a investigação. A segunda está diretamente relacionada com as escolhas pessoais do pesquisador. Por fim, a última procura articular as duas dimensões anteriores, permitindo que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, por meio de um processo de categorização que une o teórico e o empírico.

A autora propõe uma metáfora para identificar o papel que o projeto desempenha, dizendo que “o ‘meio de comunicação’ reconhecido no mundo científico é o projeto de pesquisa. Por meio deste, outros especialistas poderão tecer comentários e críticas, contribuindo para um melhor encaminhamento da pesquisa” (DESLANDES, 1994, pp. 35 - 36).

Ao compará-lo a um meio de comunicação, a autora supera a simples condição de canal e, sim, busca sintonizá-lo com a própria comunicação, sobre a qual não é necessário defender sua importância, nem sua posição fundamental na sociedade contemporânea.

QUESTÕES PRÁTICAS

Antes de falar sobre a elaboração de projeto propriamente dito, Lakatos (2001) comenta que, para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, é necessário ter em mente seis passos: seleção do tema a ser investigado, definição do problema, estabelecimento de possíveis hipóteses, determinação da forma de coleta e análise de dados e produção de um relatório final com os resultados da pesquisa. Com este esquema em mente é possível iniciar o processo de elaboração de um Projeto de Pesquisa.



Na busca pela formulação de um roteiro a ser seguido, Lakatos (2001) propõe que o planejamento da pesquisa é constituído por quatro grandes momentos ou grupos de ação: preparação da pesquisa, fases da pesquisa, execução da pesquisa e relatório. Neste sentido, a confecção de um projeto de pesquisa é uma ação típica da etapa de preparação.

Uma premissa é consenso entre os pesquisadores. Para a formulação de um projeto de pesquisa devem-se atender alguns requisitos necessários. Embora não haja regra rígida sobre o formato geral, um projeto deve contemplar os seguintes itens: formulação do problema; construção de hipóteses; definição de metodologia com a identificação do tipo de pesquisa, tipo de amostragem, coleta e levantamento de dados, análise e interpretação de resultados, dentre outros procedimentos, previsão de recursos (financeiros, físicos, humanos e materiais) e cronograma de execução, prevendo todas as fases da pesquisa.

Barros e Lehfeld (1997) defendem que é aconselhável iniciar a elaboração do projeto de pesquisa após a definição do problema. Para tanto, um estudo exploratório deverá ser efetivado, observando-se os elementos que evidenciam seu surgimento. No período do estudo exploratório, a preocupação estará centrada na formulação e delimitação do problema. Contudo, será durante a elaboração do projeto de pesquisa que se poderá avaliar a viabilidade de investigação do problema formulado.

Da mesma forma, Gil (2002) corrobora com essa idéia, principalmente, na orientação ao jovem pesquisador para a elaboração correta de um projeto. Assim, é imperioso que se defina de forma bem clara o problema. A partir daí, pode-se, então, prever os passos, etapas e procedimentos possíveis e necessários da pesquisa. É recorrente o alerta na fala de muitos autores afirmando que nem todos os problemas são "problemas científicos". O devido esclarecimento deste conceito é parte fundamental e introdutória dos conteúdos referentes à metodologia de pesquisa, pois fazer investigação passa pela capacidade de problematizar os diferentes fenômenos existentes.



Para elaborar projetos de forma adequada, faz-se necessário saber que tipo de pesquisa se pretende realizar. Gil (2002) defende que uma pesquisa pode ser classificada observando-se seus objetivos em pesquisa exploratória, descritiva e explicativa. O primeiro tipo proporciona aproximação com o problema, deixando-o mais claro. Geralmente, envolve etapa de entrevistas e levantamentos diversos. O segundo tipo descreve os fenômenos e fatos, trabalhando, freqüentemente, a partir da padronização de coletas de dados por meio de instrumentos, tais como, questionários. Na pesquisa explicativa, busca-se identificar os fatores que originam ou contribuem para que os fenômenos aconteçam, buscando a razão das coisas.

Neste contexto, cabe aqui rápida revisão sobre as informações e seus respectivos tópicos essenciais na composição de um projeto. A definição de um problema indica a área de interesse a ser investigada, bem como aponta os caminhos de aprofundamento do tema. Sua formulação deve ser em forma de pergunta clara e precisa, devendo ser delimitado a uma dimensão variável.

Num segundo passo, vem a construção da hipótese, que decorre de um exercício para demonstrar o que ainda não ficou evidente no referencial teórico ou na metodologia adotada, tentando responder às questões tratadas pelo problema, a partir de base teórica que a sustente. Vale lembrar que existem algumas pesquisas que não possibilitarão a formulação de hipóteses, muitas vezes, aquelas inseridas nas Ciências Sociais.

Na busca de respostas às inquietações que motivaram realização da pesquisa, o pesquisador estabelece uma "trilha" para nortear o que se almeja atingir ao término da investigação. A este caminho dá-se o nome de objetivos. Estes podem ter uma ação mais abrangente ou específica. Estes últimos, denominados "objetivos específicos", estabelecem os diversos patamares intermediários, que deverão ser alcançados ao longo da realização da pesquisa, os quais, somados, darão o resultado geral esperado (objetivo geral), como se fossem os degraus de uma escada.



Na metodologia ficam estabelecidas quais as opções tomadas e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico, com a apresentação do detalhamento de todas as etapas e procedimentos que serão necessários para a realização da pesquisa. Neste momento, define-se a amostragem, coleta e levantamentos de dados, além de indicar-se como os dados encontrados serão organizados, analisados e interpretados.

Segundo Barros e Lehfeld, (1997), dependendo da tipologia da pesquisa a ser desenvolvida e a metodologia adotada pelo pesquisador, o projeto poderá também apresentar diferenciações, enfocando um ou mais aspectos. Caso a investigação seja fundamentado numa linha mais qualitativa de estudo, haverá maior preocupação quanto à fidedignidade e representatividade da extensão de dados coletados em relação ao universo da pesquisa. Técnicas de mensuração serão indicadas. Por exemplo, nas pesquisas que se baseiam em linhas metodológicas mais participativas, o enfoque, necessariamente, será outro. A apresentação dos procedimentos metodológicos quanto à motivação da população-alvo e quanto à participação e inter-relação dos envolvidos no processo de investigação (pesquisador-pesquisados) também indicam diferenciações. O esclarecimento sobre os meios utilizados pelo pesquisador para se integrar à população-alvo também será abordado.

O item recursos, geralmente, só aparece em pesquisas que pleiteiam, para sua realização, financiamento das Agências de Fomento à Pesquisa ou congêneres. Assim, devem ser selecionados todos os recursos (físicos, materiais, financeiros e humanos) necessários para a realização da pesquisa.

Pelo cronograma, pode-se organizar o tempo necessário para a realização de cada uma das etapas propostas no projeto. Neste item, devem ser discriminados todas as ações e procedimentos, prevendo-se o período de execução, com sua duração e as respectivas datas de realização. Sugere-se utilizar, como base nas informações previstas no tópico metodologia e prever o tempo de execução e as datas. A



organização destas informações, geralmente, fica mais clara com a utilização de tabelas e quadros.

Cabe ressaltar que o projeto deverá possuir certa flexibilidade, demonstrando capacidade de adaptação às possíveis mudanças existentes no desenrolar do trabalho, mormente, devido a situações e dificuldades muito freqüentes na fase de coleta de dados, o que pode influenciar na continuidade da subvenção financeira do projeto, quando este for o caso (BARROS; LEHFELD, 1997).

FUNÇÃO SOCIAL DA PESQUISA

Foi abordado anteriormente que é no projeto de pesquisa onde se explicitam os motivos de ordem teórica e prática que justificam a sua realização, bem como a escolha da utilização desta ou daquela metodologia de investigação. Entretanto, não parece ser suficiente analisar estas motivações apenas à luz da teoria e de sua prática, discutindo-as somente como meros mecanismos de um conhecimento, sem outras implicações. É desta inquietação que nasce uma questão essencial: qual seria então o propósito de uma pesquisa? Perguntando de outra maneira, qual seria a função da pesquisa?

Severino (2000) faz instigantes reflexões sobre o fato de que a realização de uma pesquisa, geralmente, está contida no contexto de cursos de pós-graduação, atuando como uma parcela fundamental e necessária por que passa todo estudante de mestrado e doutorado, uma vez que as dissertações e teses nascem de uma pesquisa. Em suas críticas, denuncia a fragmentação do ordenamento das pós-graduações, nas quais é comum o momento da freqüência às disciplinas ser apresentado de forma estanque e demasiadamente separado do momento da execução da pesquisa propriamente dita, que ele denomina de "abismo", para o qual não se percebem ainda pontes e ligações eficientes. Cenário semelhante se observa nos cursos de graduação que, igualmente,



passaram a exigir os chamados Trabalhos de Conclusão de Curso. Nestes casos, o abismo parece ser ainda mais severo.

Contudo, é explícita a preocupação de que a pesquisa seja uma conseqüência do amadurecimento do pesquisador, que deve dominar os pressupostos teóricos e as diversas técnicas, principalmente, ter capacidade de problematizar a partir da observação dos fenômenos e fatos.

Neste contexto, o autor traz outro aspecto essencial na própria elaboração da pesquisa: a etapa quando o pesquisador debruça-se na definição do tema, qual seja "a sua relevância". Então, alerta que possua uma relevância não somente "acadêmica", mas, principalmente, "social". Assim, afirma ele que, "na sociedade brasileira, marcada por tantas e tão graves contradições, a questão da relevância social dos temas de pesquisa assume então um caráter de extrema gravidade" (SEVERINO, 2000, p.159).

Estas questões remetem, em certa medida, a uma discussão importante entre as diversas correntes teóricas acerca do papel da ciência ou, em última análise, sobre quais os caminhos devem ser por elas buscados na construção do chamado "conhecimento científico". Dessa forma, presencia-se um antagonismo entre a ciência tradicional e outras formas de fazer ciência. Na primeira, os parâmetros são positivistas e baseados na persistente busca pela objetividade e racionalidade. Em verdade, as últimas procuram formular uma crítica da primeira, primordialmente, demonstrando seus limites.

Vale destacar algumas posições da Escola de Frankfurt, que trouxe relevante contribuição neste debate. Alves-Mazzoti (2002, p. 116), baseada em estudos de Slater¹, analisa que, para os afiliados desta escola, uma teoria tem que se relacionar com a *práxis*, para que se possa reconhecer o seu valor. Assim, lembra que, para os chamados

¹ Segundo Alves-Mazzoti, Slater é um dos mais conceituados especialistas da obra da Escola de Frankfurt, autor da obra "Origem e significado da Escola de Frankfurt". Rio de Janeiro: Zahar, 1978. A EF é um termo para designar um grupo de intelectuais e uma teoria social específica, de inspiração marxista. Entre estes intelectuais encontram-se Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Theodor Adorno e Erich Fromm.



frankfurtianos, “para ser relevante, uma teoria social tem de estar relacionada às questões nas quais, num dado momento histórico, as forças mais progressistas estejam engajadas”.

Um outro recorte possível é analisar a pesquisa sob a perspectiva de suas finalidades. A partir de sua destinação, pode-se, então, classificá-la em pesquisa pura e pesquisa aplicada. A primeira, também chamada de teórica ou básica, tem por objetivo o conhecimento pelo conhecimento, não implicando uma ação de intervenção imediata. A segunda, como o próprio nome sugere, é motivada pela necessidade do conhecimento para a aplicação imediata dos resultados, buscando solucionar problemas encontrados na realidade.

Embora provoque uma natural comparação antagônica, estes dois tipos de pesquisa não são necessariamente opostos ou excludentes, nem um tem supremacia de importância em relação ao outro. O desenvolvimento da Ciência não pode prescindir destas duas formas, pois cada um, a seu tempo e de acordo com as circunstâncias, desempenha seu papel dentro do contexto da realidade social apresentada (BARROS; LEHFELD, 2002).

Retornando à reflexão original deste tópico, é necessário que, para determinar a relevância de uma pesquisa, a investigação esteja sintonizada com seus reflexos na dimensão social, buscando, de alguma maneira, a transformação da sociedade e, quiçá, sua emancipação, contrapondo-se ao que tradicionalmente a Ciência poderia perseguir: o mero desenvolvimento do conhecimento.

O que se pretende com este breve debate é enfatizar a importância da pesquisa e da própria idéia da prática científica, sem desmerecer, entretanto, os cuidados e a relevância dos métodos e do rigor do estudo, lembrando que cada pesquisa deve exercer sua função de melhorar a sociedade.

Mantendo permanente sintonia com a preocupação instrumental e metodológica, que envolve o processo da investigação científica, e passando por um viés mais operacional do cotidiano acadêmico, cabe



encerrar este item com Severino (2000), que lembra algumas outras funções da pesquisa aqui neste contexto, abrangendo também o próprio projeto de pesquisa. O autor destaca as seis funções de um projeto de pesquisa. A primeira função já foi amplamente abordada anteriormente; definir e planejar os passos que serão seguidos pelo pesquisador, auxiliando-o na tarefa de trabalho disciplinado e sistemático; cumprir uma exigência formal da realização de uma pesquisa; auxiliar no processo de orientação, fornecendo visão global do desenvolvimento do trabalho; subsidiar os trabalhos de avaliação da banca examinadora nos exames de qualificação; subsidiar os pedidos de bolsa de estudos ou financiamentos de agências de pesquisa; e fundamentar o processo de seleção em programas de pós-graduação, principalmente, doutorado.

POSIÇÃO DO PESQUISADOR

Este assunto provoca imediata associação com a idéia da neutralidade do pesquisador ao fazer Ciência. Ao investigar e pesquisar os fatos e os fenômenos, o investigador não deve "interferir", deixando, por assim dizer, que a "verdade" apareça. Se uma pesquisa nasce de uma indignação ou da indagação, como foi dito anteriormente no início deste trabalho, o pesquisador não é peça de significado secundário.

Sua importância se consolida no decorrer das etapas do processo de investigação. A cada passo, desde a escolha do tema, a definição da forma de problematizá-lo, os instrumentos e métodos a serem utilizados, a seleção dos autores e dos documentos que servirão como arcabouço teórico, a linguagem a ser adotada na elaboração final do relatório, seja a dissertação ou a tese, enfim, todos os elementos e todo o percurso da pesquisa dependem dele e dele comporão uma espécie de auto-retrato.

Ao se falar da função social de uma pesquisa, de certa maneira, está implícita a própria visão de mundo e de Ciência do pesquisador. A motivação íntima é um dos motores da prática científica. Esta motivação, em muitos casos, dará conta dos caminhos escolhidos como curso



investigativo. Por exemplo, voltando à taxionomia apresentada anteriormente, Barros e Lehfeld (2000, p. 78) oferecem algumas pistas, argumentando sobre as diferenças entre a pesquisa pura e aplicada. Dizem eles que,

enquanto na pesquisa teórica o pesquisador está voltado para satisfazer uma necessidade intelectual de conhecer e compreender determinados fenômenos, na pesquisa aplicada, ele busca orientação prática à solução imediata de problemas concretos do cotidiano.

Numa outra ótica, o ideário da Escola de *Frankfurt*, ao defender a teoria crítica em contraposição à teoria tradicional, defende o pressuposto que o sujeito do conhecimento é um sujeito histórico. Assim, um teórico crítico, de posse dessa crença, buscará intervir neste processo histórico, no intuito de atingir a emancipação da sociedade. O pensamento tradicional parte da premissa que a relação sujeito-teoria e objeto, uma vez que são dissociados entre si, não sofreria nenhum tipo de variação social, como se um não pudesse influenciar o outro (ALVES-MAZZOTI, 2002).

Mesmo que haja inúmeras divergências sobre a questão das teorias e seus paradigmas, não parece ser errado afirmar que o pesquisador e tudo que dele provém ocupam lugar substantivo no processo investigativo.

Outro exemplo ilustrativo pode-se obter com a posição da Escola de Edimburgo². Para os teóricos da Sociologia do Conhecimento, “a aceitação de uma teoria seria determinada pelo ‘status’ do cientista ou do grupo que a propõe, pelo prestígio da revista que a publica, pelos interesses em jogo na comunidade científica, pelas lutas de poder, entre outros fatores históricos, culturais, sociais e pessoais” (ALVES-MAZZOTI, 2002, p. 114).

Não é objetivo deste trabalho dizer ou determinar qual deve ser o papel que o pesquisador deve, verdadeiramente, desempenhar, pois haveria, inevitavelmente, o risco de erro. A principal intenção aqui foi

² Segundo Alves-Mazzoti, a Escola de Edimburgo é também conhecida como Sociologia do Conhecimento (irracionalista e relativista). Desta corrente de pensamento participavam teóricos como Feyerabend, Barnes, Bloor, Latour e Woolgar, que defendiam que o conhecimento é uma construção social.



demonstrar que o assunto excita e concita a muitas discussões futuras, provocando, eventualmente, um questionamento individual no interlocutor deste diálogo ora travado no presente trabalho – o leitor/investigador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trajeto deste documento, a linha mestra foi a principal questão apresentada: “Projeto de pesquisa: necessário ou apenas obrigatório?” Buscou-se interagir com diversos autores que se ocupam em estudar a construção do conhecimento científico em suas variadas dimensões e características. Partiu-se da análise de conceitos básicos sobre pesquisa, planejamento e projeto, interpretando-o de forma sistêmica, buscando ver o todo, sem se esquecer da especificidade das partes.

Pode-se afirmar, sem equívocos, que um projeto de pesquisa é necessário. Permitindo usar uma metáfora, seria o mesmo que prescindir de bússola e mapas numa viagem de aventura, velejando em mar aberto. Nem que o aventureiro fosse o mais neófito e otimista possível, mesmo que contasse com uma crença “quase transcendental” da sorte e do futuro, não seria imaginável esta atitude. Um projeto é mapa fundamental de uma investigação.

Então, como compreender o porquê do projeto de pesquisa ser tratado, na prática, por parte de muitos pesquisadores, como uma peça de segunda importância dentro da atividade científica? Um fator que justifique isso talvez seja considerar os efeitos perversos da dinâmica burocrática, que limita recursos de toda a natureza, principalmente, de tempo, precipitando o processo de amadurecimento do investigador. Assim, parece que não restam alternativas ao investigador senão apressar-se e resumir, pulando etapas. Inicia-se o processo penas com um plano de trabalho, um roteiro simples, e o que se pode fazer é “ir fazendo”, acreditando que, durante o processo, as eventuais falhas vão sendo corrigidas, suprimindo as necessidades.



Esta questão do não-amadurecimento levanta a fragilidade teórica dos estudantes e candidatos a pesquisadores, não se esquecendo que estes já trazem consigo uma herança educacional sem tradição na pesquisa, nem de forma embrionária, como deveria ser o pretendido e estimulado desde as nostálgicas “feiras de ciências”.

Embora esta seja uma discussão sem fim, não se poderia deixar de reafirmar a obrigatoriedade da elaboração de um projeto de pesquisa. A idéia fundamental disso é de que, ao se fazer o exercício de correta elaboração de um projeto, as chances de sucesso no processo de investigação científica se ampliam e toda a comunidade ganha. Ganha a Ciência que avança com os resultados da pesquisa. Ganha o pesquisador que, além de amadurecer, deixa sua marca indelével na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. *Os métodos nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informações e documentação de referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

BARROS, A. J. P & LEHFELD, N. A.de S. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Makron Books, 2000.

DESLANDES, S. F. *O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual*. In MINAYO, M. C.de S. (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31 - 50. (Coleção Sociais).

ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GIL. A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

O projeto de pesquisa: necessário ou apenas obrigatório?
Elcie Helena C. Rodrigues et al.



LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Atlas, 2001.

RUDIO, F. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis Vozes, 1996.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª edição pensada e ampliada. São Paulo: Cortez, 2000.